

O discurso sobre velhice e as tentativas do capital de torneir suas contradições

(El discurso sobre la vejez y los intentos del capital en bordear sus contradicciones)

Helson Flávio da Silva Sobrinho

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

helsonf@gmail.com

Resumen: Este trabajo elige la categoría contradicción para comprender la dialéctica del discurso que se inscribe en el movimiento de reproducción/ transformación de sentidos de vejez en la sociedad capitalista. A partir del análisis de materialidades discursivas que hablan de la vejez e intentan reconfigurar determinados sentidos, constatamos el encubrimiento de conflictos ideológicos determinantes en la actual coyuntura histórica, por ejemplo: crisis del capital, crisis de la seguridad social y desempleo estructural. Comprendemos a través de este estudio que el funcionamiento del discurso sobre la vejez, en el intento de bordear las contradicciones del sistema capitalista, adquiere un carácter paradójico y actúa, contradictoriamente, en la interpelación del sujeto, reproduciendo una discursividad repleta de las “mejores intenciones”, es decir, de “comunicar” y, al mismo tiempo, “no comunicar” a los sujetos de la “mejor edad”.

Palabras clave: Discurso; vejez; contradicción.

Resumo: Este trabalho elege a categoria contradição para compreender a dialética do discurso que se inscreve no movimento de reprodução/transformação de sentidos de velhice na sociedade capitalista. A partir da análise de materialidades discursivas que falam da velhice e tentam reconfigurar determinados sentidos, constatamos o recobrimento de conflitos ideológicos determinantes na conjuntura histórica atual, tais como: crise do capital, crise da previdência e desemprego estrutural. Comprendemos, neste estudo, que o funcionamento do discurso sobre a velhice, na tentativa de torneir as contradições do sistema capitalista, adquire um caráter paradoxal e atua, contraditoriamente, na interpelação do sujeito, reproduzindo uma discursividade repleta das “melhores intenções”, ou seja, de “comunicar” e, ao mesmo tempo, “não comunicar” aos sujeitos da “melhor idade”.

Palavras-chave: Discurso; velhice; contradição.

Introdução

Analisar como os sentidos de velhice são tomados como “evidências” (naturais) e são produzidos e reproduzidos sócio-historicamente tem sido, nos últimos anos, o nosso grande desafio de investigação. Por isso, não poderíamos deixar de dizer nesta introdução que o presente artigo é apenas uma parte da pesquisa que atualmente desenvolvemos, cujo foco de reflexão é o trajeto de sentidos sobre a velhice na sociedade capitalista brasileira.

Para viabilizar essa proposta de estudo, temos trabalhado com os fundamentos da Análise do Discurso (AD). Em nosso percurso de análise, elegemos a categoria contradição para compreender a dialética do discurso que se inscreve materialmente no movimento de reprodução/transformação das relações de produção.

É importante lembrar também que, dessa posição teórica e metodológica, e sobretudo política, compreendemos os sentidos como parte das contradições históricas, pois elas determinam a representação social da velhice para os sujeitos em sociedade. Portanto,

tomamos como pressuposto para este estudo a existência de relações sociais determinadas sustentadoras das condições em que vivem os velhos/idosos, bem como do próprio dizer e/ou não dizer sobre a velhice, que, em sua formulação discursiva, se efetiva, dialeticamente, nas práticas sociais.

A dialética do discurso

Como foi dito, seguimos a filiação teórica e metodológica da Análise do Discurso (AD) que trabalha com a relação *contraditória* entre *língua, história, sujeito e ideologia*. Assim, vale destacar que esse quadro teórico e metodológico se fundamenta no entremeio¹ de três áreas do conhecimento: o Materialismo Histórico, com a teoria das formações sociais, incluindo aí a ideologia; a Linguística, com a teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e a Teoria do Discurso, com a teoria da determinação histórica dos processos semânticos. As três áreas estão atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163).

Para Michel Pêcheux, o fundador da AD, a Análise do Discurso compreende que o sentido não existe em si mesmo, pois sofre o efeito da determinação das posições ideológicas em jogo nos processos sócio-históricos. Por isso, nesta pesquisa, tomaremos o discurso enquanto produção de efeitos de sentido e mediação entre os sujeitos, cuja base está nas relações históricas de produção/reprodução/transformação das condições de produção.

Tendo em vista que a história resulta das práticas sociais dos sujeitos, a Análise do Discurso leva em consideração a raiz do fazer e fazer-se dos homens, pois a forma de ser dos sujeitos e a produção do discurso resultam das relações materiais que eles praticam, ou seja, da produção material da própria vida, onde se estabelecem relações determinadas que constituem a produção de sentidos. É por esse caminho que pretendemos apreender as condições histórico-concretas da produção do discurso sobre a velhice, para compreender como a velhice é discursivizada em seu processo histórico e dialético.

Como sabemos, a relação entre o dizer e as condições de produção sustenta o pressuposto da AD de que os sentidos nunca são literais, pois são determinados pelas relações sócio-históricas que, em movimento, dão à palavra, em sua forma, sentidos possíveis. Cabe, pois, esclarecer que entendemos “forma” enquanto forma material, assim como Orlandi (2001) assevera:

Na linguística o material linguístico conta, enquanto forma, em sua capacidade abstrata de definir-se pelo sistema. Para a Análise de Discurso, o sistema é um sistema signifiante, capaz de falhas, que, para cumprir-se em seu desígnio de significar é afetado pelo real da história. É um sistema pensado no funcionamento da língua com homens falando no mundo. É nessa conjuntura teórica que proponho trabalhar a noção de forma material: acontecimento do signifiante (estrutura) no sujeito, no mundo. (ORLANDI, 2001, p. 40)

Desse modo, é possível compreender que uma forma linguística pode ser a mesma, mas, a depender das condições históricas, produzirá efeitos de sentidos diferentes, ou

¹ Segundo Orlandi (1996, p. 23-25): “Uma disciplina de entremeio é uma disciplina não positiva, ou seja, ela não acumula conhecimentos meramente, pois discute seus pressupostos continuamente [...]. A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva”.

mesmo completamente antagônicos. Desse modo, é possível dizer a mesma palavra (“velhice”, por exemplo) e produzir sentidos distintos, bem como, inversamente, é possível dizer palavras diferentes (“terceira idade”, “melhor idade”) e produzir sentidos semelhantes. A língua, em sua equívocidade, entra nesse jogo complexo permitindo, sobretudo, a materialização do discurso ao se inscrever nas relações históricas e ideológicas.

Em nossa investigação, buscamos afirmar que são as práticas históricas que permitem a produção de sentidos sobre a velhice, pois sem elas o sentido seria estável e fechado, ou mesmo não existiria. Daí o caráter processual do sentido (efeitos de sentido), implicando movimentos, desdobramentos e transformações dos gestos de interpretação² que ideologicamente são produzidos sobre a condição/vivência do “velho/idoso” na sociedade brasileira.

No caso em estudo, temos como pressuposto que os sentidos produzidos sobre a velhice movem-se nas **contradições das relações sociais capitalistas**. A forma de ser dessa sociedade, que tem por lógica transformar tudo em mercadorias, tem implicações fortes na constituição dos sujeitos e dos discursos. Assim, o discurso está sempre imbricado com os interesses e posições de classes que atravessam e regem os ditos e os silenciamentos, pois as palavras “são atravessadas de silêncio” (ORLANDI, 2002, p. 14). Ao direcionar esse olhar para a nossa questão, podemos dizer que há no discurso sobre a velhice modos de apagar/silenciar outros sentidos possíveis; isso fica a cargo das relações e conflitos históricos, do funcionamento da ideologia no sujeito e para os sujeitos, do caráter material da língua e de sua incompletude.

Como nos ocuparemos do funcionamento do discurso sobre a velhice e dos seus trajetos sociais de sentidos, é preciso entender que sujeitos e produção de sentidos possuem determinações sócio-históricas. Retomando Pêcheux (2002):

Não se trata de pretender que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independentemente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um **efeito** dessas filiações e um **trabalho** [...] de deslocamento no seu espaço. (PÊCHEUX, 2002, p. 56. Grifos nossos)

De fato, como pressuposto desta pesquisa, podemos afirmar que os sentidos de velhice que têm circulado (re)velam os interesses em jogo no sistema capitalista. Desse modo, retomar a questão do discurso sobre a velhice e as **contradições** da sociedade capitalista na determinação dos sentidos permite volver o olhar para os conflitos sociais e embates históricos da atualidade em seu processo dinâmico e contraditório, dialeticamente, **efeito e trabalho** nas relações sociais de produção.

Nessa mesma linha de raciocínio, consideramos que, longe de pensar a **contradição** como se fosse uma categoria formal, Pêcheux (1997, 2002) buscava, no aprofundamento do estudo das condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção, compreender o funcionamento dos processos discursivos enquanto **efeito e trabalho** das/nas

² “O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é ‘materializada’ pela história” (ORLANDI, 1996, p. 18).

práticas sócio-históricas. A nosso ver, esse posicionamento (teórico e político) permite retomar o materialismo histórico e dialético na AD e fundamentar a reflexão sobre as práticas discursivas e suas condições históricas de produção. Assim como Pêcheux, “pensamos que uma referência à História [...] só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as ‘práticas lingüísticas’” (PÊCHEUX, 1997, p. 24).

Referir-se à História, numa perspectiva materialista, é compreender que os sujeitos estabelecem determinadas relações entre si e com a natureza – essa é a base material de existência de toda sociabilidade humana. Reconhecer esse pressuposto na AD é atentar para o fato de que o real do discurso está justamente nas suas determinações histórico-sociais; isso exige fazer referência à base material da sociedade capitalista que, fundada na divisão e exploração do trabalho e na propriedade privada dos meios de produção, torna tudo mercadoria, inclusive o próprio sujeito.

Nessa perspectiva, o movimento do discurso é um processo dialético. Eis, finalmente, a dialética do discurso: **efeito e trabalho**. Por isso, os efeitos de sentidos precisam ser tomados como processo dinâmico e contraditório de reprodução/transformação, pois surgem e, conseqüentemente, atuam nas lutas sociais antagônicas, manifestando-se, dialeticamente, nos espaços que Pêcheux chamou de campos paradoxais.³ No caso em estudo, o discurso sobre a velhice adquire esse caráter paradoxal, porquanto manifesta “tentativas” determinadas de reconfiguração de sentidos como forma de tornear/contornar as contradições do sistema capitalista.

Discurso e velhice: reformulações de sentidos e contradições históricas

O processo de produção de sentidos é bastante complexo, pois engloba permanências, mudanças e transformações. No entanto, determinados sentidos parecem “estáveis” e até mesmo, dissimuladamente, “resistentes”. É sobre esse efeito ilusório de estabilidade do sentido que pensamos como as práticas ideológicas de evidência produzem a aparência de um mundo “semanticamente normal” (PÊCHEUX, 2002). Trata-se, pois, da ilusão da transparência da linguagem que possibilita até mesmo que o sujeito naturalize a relação entre palavra e coisa, apagando, em decorrência, o caráter político e ideológico do discurso.

Um aspecto importante para compreender esse movimento é atentar para o movimento de paráfrase e polissemia. Em nossas pesquisas temos encontrado reformulações no discurso sobre a velhice, o que permite quebrar a ilusão de pensar a significação como sempre a mesma, pois não se trata de “uma simples repetição”, mas de reformulação que repete e atualiza, mexe na memória, desloca e faz rearranjos nas filiações de sentido.

Para Orlandi (2000, p. 20), a paráfrase e a polissemia (o mesmo e o diferente) são dois grandes funcionamentos da linguagem e processos constitutivos, pensados conjuntamente, ou seja, “O processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas/matriz da linguagem”. Por sua vez, “O processo polissêmico é

³ Aqui estamos nos referindo à tensão produzida nos processos de deslocamento de sentidos que Pêcheux chamou de “objetos paradoxais” – idênticos e antagônicos: “Esses objetos (sob o nome de Povo, direito, trabalho, gênero, vida, ciência, natureza, paz, liberdade...) paradoxais funcionam em relações de força móveis, em mudanças confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis” (PÊCHEUX, 2011a, p. 115).

o responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)”.

Todo discurso se constitui a partir de uma memória, retomada de ditos anteriores em condições outras que são trazidos à atualidade enquanto “repetição” – e ao mesmo tempo – com diferenças significativas, expondo pontos de derivas, uma vez que as condições de produção não são mais as mesmas. Pela paráfrase o dito se repete, tenta ancorar e estabilizar sentidos, mas, simultaneamente, atua o processo polissêmico que fecunda as derivas e rupturas, possibilitando mudanças e/ou transformações. No movimento do mesmo (paráfrase) ocorre o deslocamento, o deslize de sentidos (polissemia). Assim, percebemos que o discurso é aberto, estando em permanente processo.

Em função disso, o processo discursivo é aqui pensado como movimento, reformulação do discurso que se efetua nas práticas históricas. Na prática de dizer o mundo, os sujeitos e os sentidos se constituem simultaneamente. Não há sentido natural, nem mesmo sujeitos prontos, dos quais se esperariam determinadas atitudes e práticas, pois sentidos e sujeitos se constituem nos processos históricos.

Aprofundaremos nossa reflexão a partir de materialidades discursivas retiradas de um comercial que circulou no ano de 2012. Veiculado na mídia televisiva, o comercial buscava divulgar o “Projeto Velho Amigo” – uma associação sem fins lucrativos de amparo ao idoso –, com a missão de “contribuir para a cultura de inclusão do idoso, assegurando seus direitos e valorizando a sua participação na sociedade”.⁴

Na propaganda – em um movimento retrospectivo produzido pelo uso de tecnologias –, a imagem de um “velho” é transmutada na imagem de um “jovem” que dizia, por fim: “Não dá para voltar atrás. Só assim, num comercial”.

(1)



O exame dessa materialidade discursiva leva-nos a sublinhar que estamos pensando também a produção de sentidos no entrecruzamento da materialidade verbal e da não verbal, e, sobretudo, levando em consideração as determinações históricas e ideológicas que perfazem os dizeres, cuja temática é a velhice em seus trajetos sociais de sentidos.

Seguiremos também com a transcrição dessa propaganda para problematizar ainda mais o gesto de leitura-interpretação dessa materialidade discursiva que se mostra transparente e, ao mesmo tempo, opaca:

4 Cf. *site*: <www.velhoamigo.org.br>. Acesso em: jun. 2012.

(2) VELHO!

Pra algumas pessoas é alguém que já deu o que tinha de dar na vida.

Coitados. Não dos velhos, mas dos que pensam assim.

Velho é ser sábio. É ter a paciência do mundo para ouvir e aconselhar.

Velho é ter a malícia dos jogadores experientes que sabem qual a bola boa de ir atrás.

A gente quer dar um novo significado à palavra VELHO.

Que essa palavrinha tenha o seu exato sentido na expressão: “Velho Amigo”, algo precioso, indestrutível, que perdura.

Daí, se você tiver sorte na vida, mas muita sorte mesmo, você vai virar um Velho.

Não dá para voltar atrás. Só assim, num comercial.

Projeto Velho Amigo. Desde 1999 contribuindo para assegurar os direitos e a inclusão do Idoso.

Apoie. Respeite. Valorize.

Porque velho é o seu preconceito.

Nessa materialidade discursiva encontramos dizeres que sinalizam uma tentativa de reconfigurar os sentidos de velhice, numa construção discursiva do tipo: “Velho não é Y, velho é X”. Esse processo – afetado pela historicidade do sentido – faz pensar que é possível mudar determinados sentidos apenas pela “intencionalidade” do sujeito, afirmando: “a gente quer dar um novo significado à palavra VELHO”.

Esse posicionamento, diríamos até “estrategista”,⁵ parece implicar uma substituição de sentido “negativo” de velhice (como aquele “alguém que já deu o que tinha de dar na vida”) pelo, mediante o efeito de deslize, sentido de “velho” como detentor da “sabedoria e experiência”. Para isso, o discurso retoma uma memória na tentativa de reformular os efeitos, “dar um novo significado”, mediado por outro discurso que se manifesta com caráter semelhante a um dizer pedagógico e próximo do autoritário: “Apoie. Respeite. Valorize”.

Diante dessa materialidade discursiva é preciso ainda polemizar, pois, na tentativa de controlar o caráter polissêmico da palavra “velho”, o sujeito se pensa livre, mas já está inscrito em uma formação discursiva que o autoriza e/ou potencializa o seu dizer e/ou não dizer sobre a velhice. Como “as filiações históricas nas quais se inscrevem os indivíduos não são ‘máquinas de aprender’ (PÊCHEUX, 2002, p. 54), compreendemos também que essa tentativa de controle de sentidos é algo revelador da existência da tensão dialética (contradição) no real do discurso, ou seja, uma manifestação da não transparência da linguagem e da não neutralidade do discurso nas relações históricas e ideológicas.

Como todo discurso é uma prática sócio-histórica, seu jogo estratégico se organiza por meio de um enunciado que parece ter se estabilizado no social: “porque velho é o seu preconceito”. É preciso seguir essa pista e analisar, observando que esse enunciado retoma um já-dito da campanha de vacinação dos “idosos” do Ministério da Saúde no

5 Segundo Pêcheux (2011b, p. 291), “A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”.

governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), em seu segundo mandato (1999-2002), que também trazia fotos de pessoas famosas e o seguinte *slogan*:

(3)



Esses dizeres, de diversos lugares sociais e de semelhantes e distintas filiações ideológicas, materializam, em suas posições sujeito, a complexidade do processo discursivo da/sobre a velhice em suas relações dissimétricas constitutivas da práxis social. Essa tentativa de lançar sentidos “novos”, visando à redefinição da “velhice”, tem uma inscrição sócio-histórica contraditória que se efetiva na dinâmica da sociedade capitalista, capaz de agitar as filiações de sentidos para adequá-las aos interesses mercadológicos.

Para se chegar a essa compreensão, é preciso passar por mediações da prática discursiva e entender que esse dizer – “velho é o seu preconceito” – cumpre uma função nas lutas ideológicas. Tal função consiste em manter/reproduzir os interesses dominantes, recobrando a desigualdade social e silenciando que esse “velho” é um trabalhador e, sobretudo, que a lógica capitalista tem uma posição impiedosa diante da existência do “velho” na sociedade. Segundo Silva Sobrinho (2007, p. 20):

É na conjuntura de uma sociedade que preza pela reprodução do capital – como diz Marx (1985), sociedade que objetiva, sobretudo, a extração de mais-trabalho, subordinando assim o homem ao capital –, que aflora então um discurso essencialmente contraditório, pois considera o “velho/idoso” como digno de respeito, sinalizando uma nova moral, redefinindo novos valores e novos comportamentos, mas simultaneamente persiste na ênfase de negatividade, pois o ‘velho/idoso’ continua a ser considerado, primordialmente, como inativo, improdutivo.

Diante desse quadro, podemos dizer ainda que a “tragédia da velhice”, como diz Beauvoir (1990) em seu estudo sobre a velhice, é produto desse sistema social de exploração, pois, “no mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais [...]. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora”. (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

Esses apontamentos nos levam a pensar sobre o sistema capitalista e sua exploração de trabalho que torna tudo mercadoria, inclusive o próprio sujeito, que é “jogado fora” quando “aposentado”, e, ao mesmo tempo, é tido como “culpado” (responsável) pela crise da previdência social, por exemplo. Além disso, a crise no mundo atual tem feito crescer o número de desempregados entre jovens e velhos e tem afetado a constituição do discurso sobre a velhice. Esse discurso, em seu movimento contraditório (parafrástico e polissêmico; efeito e trabalho), vai direcionar e sustentar sentidos em face dos desafios atuais.

Porém o discurso funciona (re)produzindo a evidência de que a questão da velhice se reduz a uma questão de “respeito” ao “velho/idoso”. Dizendo de outro modo, como se os conflitos de sentidos fossem uma questão de “falta de respeito”, pois, na materialidade discursiva, visualizamos um dizer sobre o “preconceito”, forçando e restringindo a mutabilidade dos sentidos de velhice como uma questão de valor moral, atitude subjetivista, e não como gesto de interpretação derivado das práticas materiais e ideológicas.

Esse movimento contraditório do discurso em sua tentativa de reformulação (“velho é o seu preconceito”) não chega a invalidar os sentidos ainda hoje dominantes de velhice. Pelo efeito de evidência todos nós sabemos quem é velho e o que é a coisa velha. Repetimos tais definições no cotidiano, por exemplo, quando associamos a imagem do homem velho (trabalhador-velho) com “coisa” “antiga”, “usada”, “gasta” e, por isso, “desusada”, “antiquada”, “obsoleta”; e, também, no tratamento de camaradagem e íntimo “meu velho”/ “velho amigo”. Nesse aspecto da reflexão cabe destacar que a palavra “velho” é utilizada em certas circunstâncias de modo pejorativo e, em outras, de modo respeitoso, e assim expressa seu caráter paradoxal que tem perpassado e constituído os sentidos de velhice em nossa sociedade.

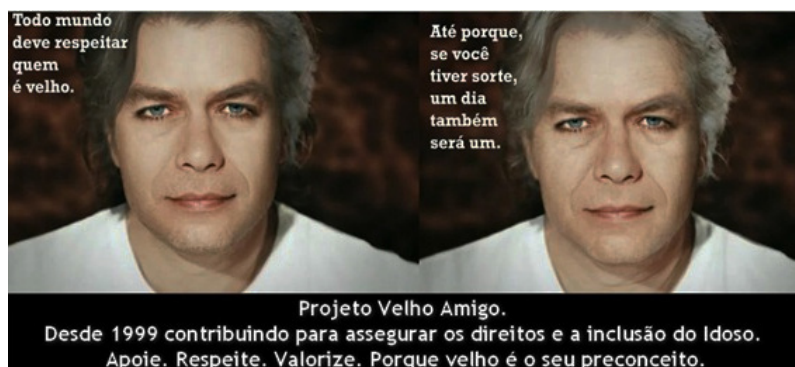
Tomemos o enunciado do início da propaganda – [Velho] “pra algumas pessoas é alguém que já deu o que tinha de dar na vida” – pois retoma algo dito em outro lugar e convoca determinados sentidos – “pessoa inútil” e “gasta” – para significar a velhice e os sujeitos nas relações sociais capitalistas de trabalho. Apenas recuperando a memória discursiva dessa formulação é que se admite tal interpretação. Os efeitos de sentidos atuantes nessa sociedade enfatizam o “velho” como algo que deve ser abandonado e substituído pelo “novo”. Trata-se do efeito ideológico elementar, diria Pêcheux (1997), na constituição do sujeito e dos sentidos, ilusão de origem e de controle do dizer.

Ressurge então a questão da historicidade dessas palavras, pois, como afirma Peixoto (1998), os estigmas classificatórios dos velhos na França e no Brasil revelam que há condicionamentos históricos inerentes a essas denominações. Segundo a estudiosa, na França do século XIX, o termo velho (*vieux*) ou velhote (*vieillard*) designava os indivíduos que não detinham estatuto socioeconômico elevado, a saber, os velhos pobres. Já o termo idoso (*personne âgée*) designava os velhos ricos.

Assim, em seu funcionamento, esses termos historicamente reforçavam a exclusão social, uma vez que “a noção de *velho* é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (1998, p. 72). A explicação de Peixoto (1998) baseia-se na questão de que as sociedades industriais ressignificam o ciclo da vida pela relação com a produção. Assim, a infância e a adolescência seriam o período de formação; já a velhice seria a idade do repouso, o período do não trabalho.

De modo semelhante, esse funcionamento discursivo também aparece na materialidade abaixo:

(4)



Nos recortes das materialidades discursivas apresentadas para este estudo, o modo como se atribui sentidos à velhice nos chama atenção, particularmente pelo jogo com o equívoco, manifestado na palavra “velho”. Na rede de sentidos, o discurso significa a velhice em tom pejorativo e diz que “todo mundo deve respeitar quem é velho”; ao mesmo tempo, justifica esse “respeito” pelo individualismo ameaçador: “até porque, se você tiver sorte, um dia também será um” – ou seja, não é algo para “todo mundo”. Esse dizer intensifica os sentidos que atendem às necessidades da forma de ser da sociedade capitalista, que prioriza o “novo” em detrimento do “velho”, visa à reprodução da lógica da mercadoria e coisifica o sujeito.

Como acabamos de verificar, o tempo do “não trabalho” (velhice) é coincidente com a aposentadoria, mas também se relaciona com os sentidos de gasto pelo uso, inutilidade e tantos outros que significam a velhice negativamente pela base material da produção.⁶ Por isso, retomando as materialidades discursivas, ao dizer que “velho”: “pra algumas pessoas é alguém que já deu o que tinha de dar na vida.../ velho é o seu preconceito/ Todo mundo deve respeitar quem é velho/ Até porque, se tiver sorte, um dia também será um” –, encontramos vestígios da base material antagonica, expondo as determinações postas pelas relações sociais conflituosas que excluem, desrespeitam e, paradoxalmente, incluem e exigem respeito. Por essa razão, a materialidade discursiva aqui joga com o “(im)possível” deslocamento de sentido, e, em contrapartida, mantém o dizível nas filiações sócio-históricas dominantes, ou seja, não causam rupturas com a ideologia dominante.

Esses vestígios no dizer revelam como os sentidos de velhice são constituídos pelas relações de exploração do trabalho, pois, ao tentar torpear os sentidos pejorativos de velhice, falando de “preconceito” e culpando o indivíduo por “seu preconceito”, o discurso atua, contraditoriamente, reproduzindo uma discursividade cheia das “melhores intenções” de comunicar e, paradoxalmente, de não comunicar aos sujeitos da “melhor idade”. Essa discursividade busca recobrir os jogos de interesses ideológicos determinantes desse processo de produção de sentidos na conjuntura histórica atual, pois não está alheia ao processo de produção material da vida.

⁶ “A produção produz o homem não somente como uma mercadoria, a mercadoria humana, o homem na determinação da mercadoria; ela o produz, nesta determinação respectiva, precisamente como um ser desumanizado tanto espiritual quanto corporalmente – imoralidade, deformação, embrutecimentos de trabalhadores e capitalistas” (MARX, 2004, p. 93).

Considerações finais

O trânsito por esse discurso nos permite constatar que as tentativas de reformulação de sentidos estão intimamente imbricadas com a dinâmica das relações sociais e que o movimento/desdobramento do discurso da/sobre a velhice revela, através de suas contradições, as contradições da sociedade capitalista que se metamorfoseia sem eliminar, em sua essência, a lógica do capital. Certamente, essa prática discursiva tenta demarcar uma “nova” postura para o reconhecimento do sujeito “velho”. Contudo, afetada pela contradição inerente à sociedade capitalista, age na “correção” de comportamentos (“contribuindo para a cultura de inclusão do idoso”) sem agir na raiz da exclusão.

A nosso ver, esse discurso propõe uma “mudança” das relações sociais no princípio do Barão de *Münchhausen*, ou seja, erguendo-se pelos cabelos e esquivando-se a ponto de não tocar na base das contradições do capital. Desse modo, o sujeito trabalhador “velho/idoso” continua, contraditoriamente, a ser considerado um “fardo/coisa”, porque “já deu o que tinha de dar na vida”, e, ao mesmo tempo, como sujeito digno de “respeito”, “velho amigo”. Enquanto isso, as relações de exploração de trabalho, base material das relações antagônicas, continuam a produzir seus efeitos paradoxais nas discursividades.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Ideologia – Aprisionamento ou Campo Paradoxal. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.) *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011a.

_____. Ideologia – Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.) *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011b.

7 Cf. *site*: <www.velhoamigo.org.br>. Acesso em: jun. 2012.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidades, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA SOBRINHO, Helson. *Discurso, velhice e classes sociais*: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: Edufal, 2007.